

25 maio 2019 – Colóquio no Mosteiro de Santa Maria da Vitória na Batalha, centrado na figura do Mestre da Ordem Infante D. Henrique

AFONSO LOPES VIEIRA E A ORDEM DE CRISTO

Cristina Nobre, CICS.Nova IPL, cristina.nobre@ipleiria.pt

[...] Nesta crise de catástrofe temerosa e de ressurgimento admirável, que atravessamos, vejo-me como um sebastianista que formulou no 'reaportuguesar Portugal tornando-o europeu' alimento de sonho no presente e de esperança no futuro; e também como um homem bastante desejoso da acção para se contentar com ser um literato, ao mesmo tempo que uma sensibilidade melindrosa o impede de se envolver na multidão. E se por-ventura alguma vez qualquer consagração me fôsse proposta — o que não devo crer — apenas me conviria quando não pudesse pensar dela o que Baudelaire diz da Legião de Honra: — que é como certas mulheres, as quais, depois de as vermos com determinados homens, já nos não apetezem. [...]

Afonso Lopes Vieira (1925) "Carta Autobiográfica" *apud* Agostinho de CAMPOS, *Afonso Lopes Vieira (Verso e Prosa)*, Liv. Aillaud e Bertrand, Lx., p. XVI.

Afonso Lopes Vieira (1878-1946) nasceu em Leiria, mas cedo se fixou com a família em Lisboa, usufruindo sazonalmente da casa de veraneio que possuíam em S. Pedro de Moel. Desde muito novo visitou os lugares patrimoniais que, mais tarde, denominaria *coração de Portugal* (Batalha, Alcobaça, Tomar), onde *tanta Pátria há* (*vide* OTAMC). Aliás, nessa infância privilegiada deve ter começado a formar-se o conceito de portugalidade que lhe associámos, e que o seu célebre *reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu*, da segunda década do séc. XX, ainda nos dias de hoje continua a ressoar, dada a atualidade flagrante da fórmula com quase um século de vida. A proposta de encontrar no Poeta sinais da presença da Ordem de Cristo praticamente se dilui por toda a sua obra, cujos valores estéticos sempre se confundiram com os éticos: paz, honra, identidade e justiça.

Se é sabido que a Ordem de Cristo só se formou no séc. XIV em Portugal, por iniciativa de D. Dinis para não deixar morrer as funções e perder os bens dos Templários (*vide* Fernandes, 2007; Gomes, 2011; Silva, 2011), ainda muito está por investigar sobre a sua ligação ao convento de Tomar, à escola de Sagres e ao infante D. Henrique. Facto é que o símbolo da Cruz de Cristo nas velas das embarcações e nas bandeiras arvoradas durante os Descobrimentos nos marca até hoje, e tanto na obra como na casa-nau de S. Pedro de Moel (como lhe chamou enquanto a habitava e, desde 2005, casa-museu) de Afonso Lopes Vieira cruzam-se variadíssimas vezes com ele, de tal modo que nos impele a uma leitura particularmente atenta a pormenores.

Em Coimbra desabrochou literariamente, imagem por ele próprio utilizada (*apud* Campos, 1925: XIV), com a publicação, em 1897, aos 19 anos, do seu primeiro livro de poesias — *Para Quê?* [PQ?] — a que se seguiria no ano seguinte *Náufrago. Versos Lusitanos* [NVL], em 1899, o *Auto da "Sebenta"* [AS], uma comédia em que se associa aos festejos do Centenário da Sebenta, e remataria em 1900, data que assinala a sua saída de Coimbra, com a publicação do conjunto de poemas *O Meu Adeus* [MA]. E isto se não quisermos mencionar a coautoria numas

*Cantigas para o fado e para as fogueiras de San João por estudantes de Coimbra, a Ode a Garrett, a participação no Orpheon da "Sebenta", com os versos para as canções populares*¹ e a organização de um folheto que se dava pelo nome de *Versos de Garrett*, tudo isto vindo a público em 1899. Ou se não quisermos imiscuir-nos na sua vida sentimental, como o folheto *Versos da Rosa*, de 1900, nos autorizaria².

Fraco estudante, romanticamente amado por tricanas de Coimbra, ele próprio potencial motivo literário, jovem escritor em crescimento, o interesse manifestado pela literatura pode-se encontrar muito antes, nas raízes da sua infância, com a frequência da casa e da biblioteca do tio-avô, o ultrarromântico António Xavier Rodrigues Cordeiro.

No início do séc. XX, deixada Coimbra e a vida estudantil, Lopes Vieira encontra-se de novo em Lisboa, com o curso de Direito concluído, e inicia uma vida ativa, como redator da Câmara dos Deputados, trabalho que nunca o chega a entusiasmar, mas que lhe vai permitir relacionar-se com a elite política da época e fazer algumas amizades para toda a vida. Nesse cargo se mantém durante cerca de 16 anos e só em 1916 toma a decisão de o abandonar e dedicar-se exclusivamente à sua obra pessoal. Porém, durante esses anos, não parou de escrever.

Logo em 1901, publica um novo livro de versos, *O Poeta Saudade* [PS], a marcar uma viragem para uma poética que o individualizará como poeta por excelência da saudade. Nesse mesmo ano, e embora o folheto de 9 páginas tenha sido impresso sem data e anónimo, aparece a *Prophecia por Dois Poetas* [PDP]³, onde Lopes Vieira e Teixeira de Pascoaes publicam, respetivamente, duas composições poéticas inéditas — "A Prophecia" e "Á Índia" [PDP: 3-4 e 8]; "Á Irlanda" e "Epitaphio que se lê no tumulo onde jaz a Inglaterra" [PDP: 5-7 e 9] — relacionadas com a supremacia inglesa na questão colonial, cujo fim estes poemas profetizam, glosando as palavras de Bismark, e associando-se à Irlanda, outro parceiro irmanado no ódio à Inglaterra. Chamberlain, secretário de Estado britânico para as Colónias, de 1895 a 1903, tinha aprovado a subjugação dos Boers na África do Sul, mas os jovens companheiros de geração e de estudos insurgem-se contra essa pretensa hegemonia, à semelhança, aliás, de todos os intelectuais da época, num movimento de indignação que em

¹ No *Orpheon Academico de Coimbra. Canções pelos bachareis: Antonio Pinto d'Albuquerque, Affonso Lopes-Vieira, Mario Esteves d'Oliveira*, Typ. de Luiz Cardoso, Coimbra, Abril de 1900, são identificadas como sendo de Afonso Lopes Vieira [ALV] as seguintes canções: "O Estalado", "Fado", "O Vira", "A moda da Ritta", "Toutinegra", "Violetas", "Móro á beira do mar" e "Canção de Touraes".

² Vd. *Versos da Rosa*. [VR] Folheto que contém algumas quadras d'amor e de adeuses da "Rosa", afamada tricana de Coimbra, que se recolheu, por amor, a um convento, em Braga, no dia 24 de Fevereiro de 1900, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900, 8 pp. Trata-se de um folheto raro, em que Tomás de Noronha faz um prefácio, misto de esboço biográfico e crítico-literário da autora das quadras populares, a Rosa Hespanhola, onde pergunta: "Fallei d'um sentimento, d'um grande sentimento! e que sentimento póde levantar a maior altura o coração d'uma rapariga de vinte annos, do que / uma paixão desmedida por alguém, que a regeite e desame? [...]" [VR: 2-3]. O motivo dessa paixão não foi outro senão ALV, a quem o poema inicial, "Resposta" de T. de Noronha, é dedicado, apodando-o de "Poeta Saudade". Chamilly lhe chamaríamos nós, não fora a atitude sempre honrada de ALV, que se afastou da rapariga e lhe deixou sempre saber que não havia solução possível para a paixão dela, a não ser a ainda romântica entrada para o convento. Esta "Rosinha d'agora, a freira d'amanhã" [VR: 4] moldou-se numa "infeliz Soror Marianna do nosso tempo" [VR: 3] por acção de ALV, mola desencadeadora da veia poética de uma humilde rapariga, que assim se procurou erguer até ao seu modelo. Este episódio, em que a vida e a literatura se mesclam, merecia, noutros moldes e noutro lugar, um estudo mais rigoroso e aprofundado.

³ Este folheto é de grande raridade bibliográfica, e a BML apenas possui uma fotocópia do original, cedida em 12 de agosto de 1985 por Álvaro Bordalo, que acrescentou assim mais um elemento à bibliografia dispersa de ALV.

muito deve ter contribuído para o desenvolvimento dos ideais patrióticos que a literatura do fim-de-século explorará exaustiva e penosamente⁴, e que não pode deixar de fazer lembrar dois jovens paladinos da cavalaria da Ordem de Cristo. Anos mais tarde, Lopes Vieira escreve a Pascoaes, lembrando esse folheto da juventude, sem lhe dar mais importância do que a um pequeno acontecimento, datado, já esquecido por todos e, mesmo então, uma raridade bibliográfica⁵. Mais importante do que esse folheto, era a obra que Lopes Vieira ia constituindo.

Assim, a obra de Lopes Vieira entra numa fase combativa, que não fecha os olhos à Vida — luta e sonho — e que transfere esse desejo de atuação para a poesia de intervenção: o poema *Conto de Natal* [CN], de 1905; *O Encoberto* [OE], do mesmo ano; *Ar Livre* [AL], de 1906 e *O Pão e as Rosas* [PR], de 1908. Em OE, logo na folha de abertura, Lopes Vieira transcreve um excerto duma carta de Teófilo Braga, onde este elogia a poesia intervencionista: "[...] Alegria-me a ideia de vê-lo concentrar as suas bellas faculdades em um poêma. Nesta situação da alma moderna, á Poesia compete ir desenhando a Utopia humana, que a marcha historica irá realizando mais ou menos laboriosamente, não á tôa, mas segundo essas luminosas adivinhações." [OE: 5].

Através da poesia, naquilo que romanticamente Teófilo Braga ainda lhe atribuía de profético e de iluminado, era a própria história humana no seu devir a delinear-se. A Poesia continuaria a iluminar o real, com a força das suas premonições. Daí a dedicatória de AL a Mestre Teófilo, transformado em padrinho de uma literatura constituída por "insignificantes anotações á Vida" [AL: 5], a grande fazedora de literatura. Trata-se de uma fase de admiração, em que Lopes Vieira se extasia perante os pequenos nada do universo, seja uma lágrima, uma bola de sabão, ou o voo de uma borboleta. As injustiças do universo ganham uma dimensão mais humana, onde o papel de Deus é relegado para o imobilismo do observador, muito mais do que para a ação do interventor. Teixeira de Pascoaes considera que algumas destas obras

⁴ Sobre este assunto, aqui apenas a florado, pode consultar-se Maria Teresa Pinto Coelho, (1996) *Apocalipse e regeneração: o 'Ultimatum' e a mitologia da Pátria na literatura finissecular*, Lx., Cosmos.

⁵ No espólio da BNP [D3 / 4314 — F. 5516], pode ler-se o seguinte, num postal com data de carimbo do correio de 10 de novembro de 1906, de ALV para Teixeira de Pascoaes, então em Amarante: "Meu caro Pascoaes: § O C. de Oliveira foi o bom espirito q. ajuntou amigos silenciosos de ha muito, mas q. não cessaram nunca de o sêr. Ainda assim, apezar da explicavel preguiça nossa, eu escrevi-lhe, ha um ano, a pedir-lhe o nosso Folhêto contra a vitória e o Chamberlain. Não recebeu? Avise-me quando cá vier, q. lhe quero dar um grande abraço como seu velho camarada e amigo ex corde. § Affonso Lopes Vieira § S/C Costa do Castelo, Lisbôa. § P. S. Quero dar-lhe os meus livros q. V. não tem. Diga se conta vir aqui, ou se devo mandar-lhos." No vol. I das *Cartas e outros Escriptos [...]*, da BML, há uma carta de T. de Pascoaes para ALV, endereçada de Amarante, não datada, que pode bem ser uma resposta a esta, e evidência de que Pascoaes possuía a PDP: "Meu caro Affonso: § [...] Se ainda deseja a "Prophecia" remetto-lh'a pelo correio ou levo-a comigo quando for ahi. Como quizer [...]" As relações entre Pascoaes e ALV não foram nunca muito estreitas, ou, pelo menos, aparecem ensombradas, embora a sua proximidade geracional e de poéticas levasse a imaginar o contrário. M.^ª José Teixeira de Vasconcelos revela que as relações entre Pascoaes e ALV teriam sofrido um abalo por causa da reação negativa de Pascoaes ao retrato que Columbano fez de ALV. Já perto do fim da vida de Pascoaes, em 1952, ALV está entre os amigos cujas histórias Pascoaes recorda junto de Eugénio de Andrade e, curiosamente, são os versos do antigo companheiro de Coimbra que, em fase terminal de delírio, recita: "[...] As tardes passavam rapidamente. Pascoaes tinha uma memória prodigiosa e contava imensas histórias. Junqueiro, Unamuno, Raul Brandão, Lorca, Columbano, António Correia, Lopes Vieira, António Patrício surgiam a todo o momento, graças à sua magia! [...]" e "[...] Quando chegou o domingo a temperatura subiu e o delírio pôs fim a todas as suas preocupações. § O espírito do Poeta recuou anos e anos; regressou a Coimbra. Recitava versos de Lopes Vieira e Augusto Gil e conversava com os seus discípulos." (Vasconcelos, 1993: 96 e 101). O escultor Joaquim Correia revelou-nos, em conversa com cerca de uma década, uma outra versão do 'desentendimento' entre Pascoaes e ALV.

"[...] pairam ja para além do transitorio e do contingente. [...]"⁶ e a verdade é que, aos 30 anos, Lopes Vieira pode considerar-se um poeta com representatividade no nosso país.

A 12 de janeiro de 1910, iniciara a sua atividade, futuramente frutuosa, como conferencista, com a conferência *O Povo e os poetas portugueses* [PPP], no teatro D. Maria II. Dá uma breve lição sobre a história da Literatura Portuguesa, percorrendo a "persistência poética da raça" [PPP: 9] através da construção das primeiras igrejas, dos cantares da poesia provençal, da sensibilidade inaugurada por S. Francisco de Assis, das cantigas de amigo de D. Dinis, das cartas atribuídas a Egas Moniz Coelho⁷, do elemento amoroso e terno cantado por Bernardim Ribeiro e por Cristóvão Falcão. O próprio Lopes Vieira irá ser paladino de algumas das figuras e da anónima voz do romanceiro popular, identificados na conferência como pilares fundamentais da Literatura Portuguesa: Gil Vicente e Camões, a "Nau Catrineta", romance inaugural da saudade, Sá de Miranda, Francisco Rodrigues Lobo, padre António Vieira e padre Manuel Bernardes, as cartas de Sórora Mariana e algumas quadras populares onde se cristalizou "essa afirmação do carácter étnico" [PPP: 10]. Com esta conferência, é a obra de Lopes Vieira que inicia uma viragem fundamental no sentido da demanda de uma identidade nacional, demanda essa que irá revestindo a forma de diversos programas de nacionalidade⁸.

O folheto de oito páginas, dado à estampa no mesmo ano, com os *Versos de Camões* [VC], foi selecionado por Lopes Vieira e a notícia biobibliográfica inscrita nesse folheto é de sua autoria — facto aparentemente irrelevante para a obra do autor, mas que anos mais tarde ele classificará, orgulhosamente, como um dos elementos mais positivos da sua anónima missão de divulgador cultural⁹.

⁶ Na carta de Teixeira de Pascoaes a ALV, datada de 17 de Dezembro, sem ano, provavelmente de 1911, ano da publicação de CVS, pode ler-se: "[...] A sua obra é uma ascensão. O "Ar Livre", o "Pão e as Rosas" e as "Canções do Vento e do Sol" pairam ja para além do transitorio e do contingente. São obras q. ficam, assignalando um authentic e grande Poeta Portugues. § Ah! ninguém como o Affonso sabe surprehender e revelar a face saudosa/ apollonea das cousas! § É esta faculdade q. o destaca e traça a linha inconfundivel do seu caracter poetico. E é esta mesma faculdade q. o torna um Poeta iminintemente portuguez. Por tudo isto, o felicito e abraço c/ a maior admiração e amizade. [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol I].

⁷ O que mais tarde haverá de negar, seguindo as indicações de Carolina Michaelis de Vasconcelos, que já as havia dito apócrifas, inclusivamente numa carta para ALV, datada de 16 de novembro de 1910: "[...] gostei muito da sua palestra sobre o "Povo e os Poetas Portugueses" e teria aplaudido muitos passos e a escolha dos exemplos recitados! § Mas *não* as famigeradas Cartas de Egas Moniz Coelho... Chego a desconfiar das minhas faculdades estéticas e críticas quando vejo que poetas como V. E., e pensadores como Bruno, aceitam como ouro de lei do século XII — ou XIII — ou XIV! — estrofes cuja estrutura é muito posterior, e formas linguísticas artificiaes, e idéias românticamente sentimentaes de que não ha outro vestígio na idade-média. Verdade é que a modernização hábil de Almeida Garrett é um *travesti* aceitável. Mas ainda assim, que diferença entre esses versos e os legítimos dos Cancioneiros Arcaicos! § Desculpe V. E. a minha franqueza; o texto da "Monarquia Lusitana" não era desconhecido a quem se ocupou a sério dos apócrifos da literatura portuguesa, inventados quando Brito e Faria e Sousa, certos de que houve poetas de Sancho I a D. Fernando, mas desconhecendo poesias autenticas, julgaram poder reconstruí-los fantasiosamente..." [BML, *Cartas [...]*, vol. II].

⁸ A este respeito é interessante a opinião de Teófilo Braga, expressa numa carta para ALV, datada de 5 de março de 1910, onde o escritor se refere à importância inaugural que esta conferência assumiu na "cruzada" de ALV: "[...] Eu tinha recortado o merecido elogio que lhe fizeram na imprensa; mas a leitura da Conferência deixou-me uma impressão mais viva e agradabilíssima. Compreendi então como consegui impressionar um publico sempre indifferente às cousas portuguezas. [...] O meu amigo tem uma bella cruzada diante da sua capacidade e actividade: acordar as almas a amarem a poesia portugueza nas suas sempre bellas e inconfundíveis manifestações. [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol. I].

⁹ Em DG, na parte denominada "Páginas soltas e folhas de Diário", entre vários "Temas" enunciados para posterior desenvolvimento, pode ler-se: "Publiquei uma vez um folheto de versos que custava um vintém. Os versos eram

É com a versão em português do *Monólogo do Vaqueiro de Gil Vicente* [MV], representado no teatro D. Maria II, em Lisboa, em 17 de fevereiro de 1910, que Lopes Vieira envereda por um conjunto de atividades culturais relacionadas com Gil Vicente e a divulgação da sua obra, culminando, em 1914, com a síntese na *Campanha Vicentina* [CV]¹⁰. Da CV farão parte as várias conferências sobre Gil Vicente pronunciadas¹¹ dentro de um propósito bem claro de devolver à Literatura Portuguesa o seu maior dramaturgo, aquele precisamente que inaugurou a dramaturgia em Portugal, bem como as diversas atualizações da sua obra: *Auto da Barca do Inferno* [ABI], em 1911; *Exortação da Guerra* [EG], *Frei Paço* [FP], *Todo o Mundo e Ninguém* [TMN] e *Mofina Mendes* [MM], em 1912¹². Deste programa farão ainda parte uma versão da *Barca do Inferno* para crianças, que ficará conhecida por *Autozinho da Barca do Inferno*, representada pela primeira vez em 12 de fevereiro de 1913; *Autos de Gil Vicente* [AGV], em edição da "Renascença Portuguesa", do Porto, em 1916, e cujos excertos, compilação e prefácio são da responsabilidade de Lopes Vieira¹³; a representação de Gil Vicente em serão organizado pela Federação Académica de Lisboa, no teatro de S. Carlos, em 1916; a conferência sobre "Gil Vicente", em Madrid, em abril de 1923; o ciclo de representações de *Auto da Barca do Inferno*, *Auto Pastoril Português*, *Farsa do Velho da Horta*, *Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela*, pela equipa de Amélia Rey Colaço e de Robles Monteiro, no teatro D. Maria II em 1930; as comemorações do IV centenário da morte de Gil Vicente com a reposição de peças nas versões de Lopes Vieira, nas jornadas de maio e junho de 1937, que passam de Lisboa a Guimarães, até ao Porto, Coimbra e Évora, e às quais se ligam as últimas conferências proferidas sobre Gil Vicente, intituladas "Ao Povo de Lisboa" e "No centenário de Gil Vicente"¹⁴.

de Camões. Sorrio de pensar que a um quios/que teria ido um cliente pedir os *Crimes do Zé do Telhado* e, por engano do lojista ou fantasia do comprador, levaria — *Alma minha gentil que te partiste.*" [DG: 310-1].

- ¹⁰ Numa carta, datada de 22 de dezembro de 1911, Carolina Michaelis de Vasconcelos refere-se ao trabalho de ALV sobre Gil Vicente, que inclui a nacionalização da parte castelhana de Gil Vicente e as adaptações, como uma "obra patriótica" [BML, *Cartas [...]*, vol. II].
- ¹¹ São as seguintes as conferências publicadas sobre Gil Vicente: "Palavras" (29 de abril de 1911) [CV: 57-64]; "Gil Vicente" (serão vicentino de 15 de janeiro de 1912) [CV: 67-94]; "Gil Vicente" (18 de maio de 1912) [CV: 97-123]; "Conferência" (6 de dezembro de 1912) [CV: 127-68]. No II vol. de *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal* (Nobre, 2005: 589-625), transcrevem-se mais duas conferências inéditas de ALV sobre Gil Vicente, uma proferida em Madrid, em 1923 [BML, n.º 32013], e outra em 1937, no Liceu de Gil Vicente, durante as comemorações do Centenário de Gil Vicente [BML, n.º 32018].
- ¹² Sobre este "Serão Vicentino", dirá Carolina Michaelis de Vasconcelos a ALV, numa carta datada de 27 de março de 1912: "[...] Com relação ao *Serão Vicentino* custa-me não poder assistir a essas festas em que V. E. ensina o culto da Beleza nas suas manifestações nacionais: o culto da Tradição enobrecida pela Arte. Sinceros parabens ao grande propagandista que trabalha na ressurreição do génio mais inventivo de Portugal, como costume chamar ao criador das *Barcas*. Estou certa que pouco a pouco ha de converter muitos infieis. Oxalá! [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol. II].
- ¹³ Em carta de 18 de junho de 1915, para D. Leonor Rosa, ALV faz referência a este livro, ainda em estado de projeto: "[...] De resto, as minhas projectadas obras estão longe de deixarem o seu actual estado de projectos. — Só para não recusar duramente uma proposta amavel q. me fizeram do Porto, estou organizando um volume de Autos de Gil Vicente, escolhidos e prefaciados por mim. [...]" [BML, A125, n.ºs 33793 e 33794].
- ¹⁴ Em carta para Vitorino Nemésio, com carimbo de 8 de agosto de 1937, ALV terá ocasião de expressar o seu contentamento pela realização das comemorações: "[...] Êste ano tive a satisfação do Centenário de Gil Vicente, q. teve nas récitas populares — gratuitas!!! — um desígnio chique. [...]" [BNP, esp. E-11]. Em carta datada de 12 de junho de 1937, Mário Cardoso, em nome da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, agradece a ALV a colaboração na Sessão Comemorativa do Centenário de Gil Vicente: "[...] Em nome da Direcção da Sociedade a que tenho a honra de presidir, cumpro o grato dever de manifestar por esta forma a V.ª Ex.ª o nosso intenso júbilo, pela notável lição que se dignou pronunciar, na sede desta Colectividade, na Sessão comemorativa do

A esse êxito das Jornadas Vicentinas se ficou a dever, em grande parte, no ano seguinte, a fundação do "Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra" [TEUC], sob a direção de Paulo Quintela, que abre com um ciclo de récitas vicentinas. Lopes Vieira era o grande responsável por este interesse e é ele quem faz a apresentação, em Lisboa, do TEUC. Toda essa cooperação, e o carinho nela colocado, valem-lhe, em 1940, a honra de ser eleito sócio honorário do TEUC. Se considerarmos este grupo de teatro como uma consequência, ainda que indireta, da CV, então o programa iniciado por Lopes Vieira tinha dado frutos importantes na divulgação do nosso património teatral, criando assim a estrutura que permitiria depois a abertura dos textos vicentinos aos dramaturgos da atualidade.

Com a publicação de *Rosas Bravas (acto em verso)* [RB], as *Canções do Vento e do Sol* [CVS] e a impressão do poema *A João de Deus*, pelo editor França Amado, na inauguração do Jardim-Escola João de Deus, em Coimbra, tudo isto em 1911, Lopes Vieira entra numa nova fase da sua obra, menos intervencionista e mais pessoalizada, que encontra na expressão musicada, tipo balada, a própria razão de ser. Esta fase desenvolver-se-á com as traduções de *Poesias de Heine* [PH], em 1912; a escrita de *Poesias sobre as "Scenas Infantis" de Schumann* [PSSIS], de 1915; de *Ilhas de Bruma* [IB], de 1917; a seleção de poesias portuguesas inspiradas nos saudosos campos do Mondego, desde o séc. XV até à atualidade, numa antologia intitulada *Cancioneiro de Coimbra* [CC], de 1918; as *Canções de Saudade e Amor (Lieder)* [CSA], de 1918; *Crisfal. Écloga musical em 1 acto e 3 quadros* [C], de 1920; *País Lilás, Desterro Azul* [PLDA], de 1922; *Os Versos de Afonso Lopes Vieira (1898-1924)* [VALV], de 1927¹⁵; para rematar no último livro de poesia *Onde a Terra se acaba e o Mar começa* [OTAMC], de 1940. Nesse período de quase 30 anos, Lopes Vieira irá constituir uma poética própria, capaz de dar um timbre específico ao programa de naturalização da alma portuguesa por aquilo que esta tem de específico — o amor, a saudade, a musicalidade da linguagem. Provavelmente nesta parte da obra encontramos a maturidade literária do poeta, no cumprimento do programa nacionalista em que se incluía.

Assim, a carreira do ensaísta interessado por todos os temas da cultura portuguesa prossegue a bom ritmo, evidenciando uma preferência temática pelos mitos formadores de uma certa ideia de nacionalidade e por todas as descobertas que possam contribuir para enaltecere o valor artístico da nação portuguesa. Em 17 de agosto de 1913, integrado num dos Serões de Alcobaça, minuciosamente organizados por si¹⁶, Lopes Vieira profere a conferência "Inês de Castro na Poesia e na Lenda" [ICPL]. Em agosto de 1914 volta a organizar novo Serão em Alcobaça, a que chamará "Serão de Arte", por lhe parecer que o "literário" tinha um "ar um pouco pelintra"¹⁷. Na casa de S. Pedro de Moel, qual general no

Centenário de Gil Vicente. Foi V.^o Ex.^o o grande animador das celebrações vimarenses, e, por isso, lhe devemos o brilho, a sequência e a elevação que as caracterizaram. [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol. XIII].

¹⁵ Em postal datado de 22 de outubro de 1926, para Raul Proença, ALV refere-se a esta antologia em vida como um "livro de titulo tumular": "[...] Estou aqui [Lx.] há bastantes dias, tendo sido forçado a sair mais cedo do meu búzio. Tenho nas Oficinas Gráficas um livro de titulo tumular — "Os Versos de A.L.V." — e por isso lá vou diariamente dar pela sua ausência, q. descaracteriza aquela nobre casa. [...]" [BNP, esp. E7 / 1970].

¹⁶ Em carta, com carimbo de correio de 10 de julho de 1913, para D. Leonor Rosa, propõe uma série de trechos da *Castro*, para leitura por Augusto Rosa durante o serão, e conclui: "[...] O serão está marcado para a noite de 17 e portanto é preciso q. V. V. Ex.^{os}. fixem o dia da sua partida para aqui, onde virão esperar aquela bela noite. O programa está organizado e é musicalmente belo e em tudo *superior*. [...]" [BML, A57, n.º 32492].

¹⁷ Em carta, datada de 21 de julho de 1914, para D. Leonor Rosa, é prolixo no relato que faz da organização dos serões, nada deixando ao acaso e sentindo-se orgulhoso com o resultado final: "[...] Quanto à ocasião [de o

seu posto estratégico, desenhava um programa cultural, organizava-o, acolhia os convidados-artistas de honra e tratava das questões editoriais ligadas a cada evento. Só essa materialização posterior do programa, onde se incluíam os recortes dos jornais da época que referiam o evento¹⁸, consegue aligeirar o período de melancolia e solidão que se segue aos grandes acontecimentos culturais — transformados em primeiro motivo de vida de um esteta claramente assumido. Pelos anos fora, vai continuar empenhado na organização destes Serões de Alcobaça, ligando-os, aos poucos, à área musical, motivado pelos vários amigos que se disponibilizavam para integrar um programa musical, no Verão, em Alcobaça¹⁹.

Em 26 de dezembro de 1914, profere a conferência "A Poesia dos Painéis de São Vicente" [PPSV], onde o autor se associa à recente descoberta de um pintor português de quinhentos, o que viria colmatar um hiato na arte portuguesa e revelar a continuidade artística da nossa história. Associa-se ao especialista José de Figueiredo²⁰, e considera esta *causa artística* mais um dos seus trunfos na batalha de arte nacionalista em que se empenhou. Que esta temática muito interessou o escritor, facilmente se comprova com as palavras de Apresentação aos *Discursos pronunciados no banquete oferecido [...] ao Dr. D. Aureliano de Bernete Y Moret*, de 1916, onde mostra o seu contentamento pelo reconhecimento da prioridade de Nuno Gonçalves em relação a Velasquez e Goya²¹, feito pelo sábio espanhol e

casal Rosa passar uns dias na casa de S. Pedro], devia ser, como já lembrei, em Agosto, aproveitando o serão em Alcobaça, como me parece natural, porq. também me não consolaria q. V. E. não assistisse ainda este ano sem haver razão de peso para isso, desde q. eu disponha as cousas todas com metodo, com o metodo superior q. emprego *religiosamente* nas cousas a q. me dedico e amo, e só nessas. § [...] Repito q. acharia mt.º triste q. se privasse de assistir ao Serão, cuja *grandeza*, pelos nomes dos q. o realizam naquele lugar, me parece mesmo *inedita*. [...] § Eu não penso senão em 12 de Agosto! § Tenho uma correspondencia enorme e ha sempre cousas novas a tratar. O drama dos quartos nos hoteis é uma das questões não direi mais artisticas mas de certo mais proprias para preocupar. Tenho o programa completo, e é admiravel. Este ano chamo *Serão de Arte* porq. o *literario* ali tinha um ar um pouco pelintra, não é verdade? [...]" [BML, A125, n.º 33782].

- ¹⁸ Esses recortes eram guardados cuidadosamente, como o provam os muitos exemplos encontrados no seu espólio, mas também a organização dos dois grossos volumes, a que deu o nome de *Rememoração*, vols. I e II, e que fazem parte do espólio da BML. Aí encontram-se vários programas do "Serão Musical e Literario no Claustro do Mosteiro d'Alcobaça em que tomaram parte Milles. Alice e Maria Rey Colaço, Alexandre Rey Colaço, Augusto Rosa e Affonso Lopes Vieira, aos 17 de Agosto de 1913", folheto constituído por 4pp. com a descrição minuciosa do programa.
- ¹⁹ Em postal, datado de 24 de julho de 1930, para Jaime Batalha Reis, ALV convida este amigo a estar presente num dos últimos Serões de Alcobaça, nos quais continua a ter o mesmo orgulho de sempre: "[...] A sua presença, e a dos Seus, no mosteiro de Alcobaça em a noite do próximo dia 2, seria para Viana da Mota e para mim um grande gôsto. § Em nôme do nosso ilustre Amigo e no meu próprio aqui lhe lembro pois essa data de grande arte. [...]". No espólio da BNP encontra-se um programa, datado de 2 de agosto de 1930, que corresponde a esse Serão: "Serão d'Arte no Mosteiro de Alcobaça" [BNP, esp. E4].
- ²⁰ Em 1910, José de Figueiredo tinha revelado ao país a existência de um pintor português desconhecido, de nome Nuno Gonçalves, relacionando-o com uma obra pictórica importantíssima para a arte portuguesa de quinhentos: *Arte Portuguesa primitiva — O Pintor Nuno Gonçalves*, Lx., 1910.
- ²¹ São estas as palavras de ALV que gostaríamos de destacar: "[...] O país de Velasquez e de Goya reconhece e admira como um irmão mais velho na arte de pintar, o país de Nuno Gonçalves — 'com quem ninguem se parece' — e dos outros Primitivos da beira Atlantico. É este facto magnifico, reconhecido e declarado por um dos mais eruditos criticos de arte espanhola, que os 'Amigos do Museu' arquivam nestas paginas, e fazem-no com a calma e poderosa satisfação de verem tambem afirmada a sua Patria na beleza e no caracter da pintura que os mestres de Portugal produziram, influenciados pelo *ethos* da Raça e pela luz amavel de este céu." [ALV, 1916: [3] *apud Discursos [...] D. Aureliano de Bernete y Moret*].

pela sociedade científica por ele representada, e com a referência em IB, de 1917, a uma obra "em preparação", que teria por título *Auto dos Paineis de S. Vicente*²².

A sua atividade de ensaísta multifacetado²³ — que não obteve até ao momento um tratamento diferenciado e da qual nunca foi feito um levantamento exaustivo — prossegue em 2 de junho de 1915 com a conferência "Camões, escolar"; em 9 de fevereiro de 1916 com "O Canto Coral e o Orfeão de Condeixa"; em 25 de março do mesmo ano com "Arte Portuguesa"; em 28 de março de 1917 "Para os Soldados"; em 20 de abril de 1920 "O Monumento a Natividade"; em 16 de maio do mesmo ano "À Ressurreição"; em 15 de março de 1921 "Coimbra e o sentimento da Beleza"; em 22 de abril do mesmo ano "João de Deus e O Livro de Amor"; conferências dispersas, que acaba por reunir no volume *Em demanda do Graal* [DG], publicado em 1922²⁴.

Duas décadas depois, o escritor descreve com uma clareza surpreendente os fundamentos da sua atuação cívica e cultural:

[...] A primeira ["demanda do Graal"], tornada, há muito, mercadoria de alfarrabistas, ficou cingida a um tempo em que dava gosto e honra o combate. A directa, decidida intervenção na Coisa Pública é que fazia o timbre dos bons portugueses. Enquanto se não merecera prisão ou destêrro, mostrava-se cara compungida diante dos camaradas premiados; e quem se batia sentia-se acompanhado por simpatias honrosas que vinham até nós com bravura. Quando, em 1921, o autor deste livro foi preso e apreendida a sua poesia "Ao Soldado Desconhecido", recebeu da Escola de Guerra um ofício, assinado pelo capitão presidente da assembleia geral dos alunos, em que se lhe agradecia a oferta de um exemplar — agradecimento votado por aclamação. Foi assim que nós-outros, os "ruços" de hoje, nos temperámos; e chegámos a "ruços" sem comendas, nem prebendas, matando a palpitante, ansiosa sede de servir com demandas do Graal que todos fizemos. Esta nova demanda já não encontra, porém, um público amador de semelhantes cavalarias. É que os próprios símbolos de guerra espiritual caducam através do tempo e da fortuna. A Cruz que sangra na capa deste volume hasteou-a ao vento o autor em 1909 e em 6 de Outubro de 1910 convidaram-no a substituí-la pelo verde e vermelho triunfante. Não mudou nunca, no seu mastro sobre o mar, a Cruz então arvorada, mas o que, em dias incertos, significava fé aguerrida, pode em outros significar gozo ou comodidade. [...] (NDG: pp. 11-13)

²² Em carta dirigida a Antero de Figueiredo, datada de 8 de maio de 1915, ALV identifica a conferência PPSV como um mero prólogo desse *Auto* por escrever, o que acentua a vertente didática deste programa: "Meu caro Amigo § Muito obrigado pela sua amavel carta. A ideia de me eleger como o poeta dos paineis é muito interessante — e curioso é q. entre os meus cartões se encontra ha mais de um ano cousa semelhante àquela de q. me fala. O José de Figueiredo conhece esse meu plano de *Auto*, de q. a minha conferencia é um prologo [...]" [BMP, M-AF-4].

²³ É o próprio ALV quem, na "Carta Autobiográfica" escrita para o n.º da "Antologia Portuguesa" a si dedicado, defenderá esta faceta da sua obra como permanecendo numa linha de profunda unidade na sua trajetória: "[...] Quanto às minhas conferências, não me pungem remorsos de haver alguma vez feito *discursos*. Falei sempre com imenso respeito de mim próprio." (*apud* Campos, 1925a: XV).

²⁴ Em carta datada de 28 de outubro [1921?], dirigida a Carolina Michaelis de Vasconcelos, ALV refere-se a este volume, reconhecendo-lhe as devidas dimensões: "Minha Exm.ª Amiga e Mestra § Vou publicar (p.ª o Natal) um volume composto das minhas conferencias espalhadas em brochurinhas de ocasião e doutras prosas, ineditas, entre as quais uns aforismos, *Da linguagem e do canto*, q. à bondade de V. E. pedirei para ler e julgar nas provas, a seu tempo — se m'o permitir — enviarei para V. E.. No estado desolado (tenho sofrido uma crise longa e cruel) do meu espirito, esse livro, "Em demanda do Graal", parece-me bem fraco, e certamente nunca me parecerá forte; mas, emfim, é um documento de honrado Quixotismo, q. me é simpatico. [...]" [BGUC, esp. CMV / II vol.: 19].

A atividade prossegue em 1922, com "Da Reintegração dos Primitivos Portugueses"; em 1928, com "Os Sonetos Portugueses" e com "Dona Inês de Castro"; em junho do mesmo ano, com o discurso "Na entrega de 'Os Lusíadas' ao Presidente do Brasil" e "Entrega de 'Os Lusíadas' ao Presidente da Academia Brasileira de Letras"; em julho de 1929, com "No Mosteiro de Alcobaça"; em março de 1930, com "Por Amor ao Mosteiro"; em 28 de junho de 1932, com "A Fé e o Império"; em 1 de julho de 1932, com "Camões, o poeta de além mar"; em 1932, com "Os Estudos Nacionais e a Exposição de Arte Portuguesa em Paris"; em 1940, com "O Carácter de Camões" e "Passeio nas minhas terras". Nem todos estes textos foram incluídos no II volume de ensaios, *Nova demanda do Graal* [NDG], publicado em 1942, o que pode significar uma atribuição de importância diferente a cada uma das conferências.

A variedade temática das conferências de Lopes Vieira, assim exaustivamente enumeradas, mostra-nos a importância que a escrita ensaística ganhou no corpo geral das produções literárias do autor, e como as aptidões e os interesses do escritor eram heterogêneos, embora os irmanasse um mesmo desejo de dar a ler Portugal na sua própria especificidade e nos valores, mitos ou realizações artísticas que de algum modo pudessem contribuir para erigir um novo país, mais orgulhoso dos seus oito séculos de história. O ensaio, sob a forma de conferências era, afinal, um modo pedagógico de fazer ver e ler aquilo que a própria produção poética procuraria, com diferentes graus de eficácia, deixar inscrito — o amor por Portugal e a crença na alma lírica do seu povo. No entanto, como um velho cavaleiro da Ordem de Cristo, Lopes Vieira reconhece que o público apenas o consegue identificar com a metáfora quixotesca da loucura, fora dos alicerces do real:

[...] Entretanto é talvez útil que a raça dos Quixotes, por modestos que sejam nas andanças, se não extinga no país dos cavaleiros do Mar e dos caminhos do Mundo. Entre esses derradeiros quiméricos, votados a ter o nome inscrito na ostra excomungante, o autor do "Graal" é por certo o menos digno de ser escutado ou seguido. Contudo a sua fé continua a ser respeitável, pois que teima, até ao fim, em preferir ao prático juízo de Sancho a formosa doudice do da Triste Figura. (NDG: p. 13)

Mas nunca essa vontade de divulgar modelarmente um conjunto de valores, identificados com uma ideia da portugalidade, impediu Lopes Vieira de manter um certo distanciamento do poder político instituído e de afirmar, assim — com o orgulho que se passou a associar à personalidade desta figura literária — uma independência frontal face ao poder instituído. Em 1920, renunciara ao Grande-oficialato de S. Tiago, com que o então ministro da Instrução Pública, João de Deus Ramos, pretendeu agraciá-lo. A mesma sede de justiça superior levá-lo-á, no mesmo ano, a defender em Tribunal Militar²⁵ o amigo Hipólito Raposo, acusado de conspiração contra o governo²⁶.

²⁵ Pela primeira e única vez na vida em que aceita desempenhar o papel de advogado, vestindo a toga de seu pai.

²⁶ É interessante a este respeito o artigo do *Diário de Notícias* de 21 de julho de 1920, intitulado "No Tribunal de Santa Clara: O caso dos manifestos rialistas. O poeta dr. Afonso Lopes Vieira faz a sua estreia como advogado. O sr. dr. Hipólito Raposo condenado em três meses de prisão correccional", onde se pode ver que a defesa de ALV se baseou na honorabilidade da confissão de Hipólito Raposo, como autor de um "Manifesto" que defendia ser a Monarquia um movimento patriótico e não um incentivo à rebelião. As palavras de ALV aí transcritas mostram como para ele o *ideal cavaleiresco* continuava a ser mais importante do que qualquer atuação política: "Por feliz se veria o regime se apenas contra ele se lançassem papéis, que são protestos patrióticos. Mas todos sabemos que contra ele teem sido arremessadas coisas muito mais pesadas e infinitamente mais ruidosas. Trata-se de um caso de cavalaria andante. O autor deste caso é do patriotismo mais puro." [sic].

No ano seguinte, em março de 1921, vive uma experiência dolorosa com a apreensão da sua poesia *Ao Soldado Desconhecido (Morto em França)* [SD]²⁷, texto que o leva a ser interrogado, já que o Exército se sente melindrado e retratado em algumas das referências aí feitas, tomando à letra os versos: "[...] a tua imensa / presença acusadora e aterradora / para quem te exportou como um animal, / se estenda sobre o céu de Portugal!" (vide Nobre, 2015). Vários contemporâneos reagem a este acontecimento de um modo violento, atribuindo-lhe um significado político²⁸. Mas Lopes Vieira escreverá uma carta para o *Diário de Lisboa*, intitulada "Portugal na Guerra", na sequência de uma entrevista intitulada "Os Mutilados da Guerra ao Abandono?", onde tenta encontrar uma explicação para a "lenda urdida" à volta da sua poesia apreendida, e reafirma-se o poeta do *instinto da nação*, pelo que qualquer *anti-intervencionismo* lhe seria penoso²⁹.

²⁷ Tinha sido publicada em folheto de 4 pp., pela Imp. Libanio da Silva, em Lx., em março de 1921, e as receitas da venda destinavam-se a "um orfão da Guerra". No *Diário de Notícias*, de 22 de março de 1921, pode ler-se uma notícia curiosa sobre o acontecimento, causador de uma pendência entre ALV e o sr. António de Lorena Santos, oficial do exército, que reputava injurioso para o Exército português e, portanto, para si como elemento dessa instituição, o verso do poema "Para quem te exportou como um animal". A resposta dos representantes de ALV, além de desqualificar o oficial miliciano chamando-lhe subalterno, restituía à expressão em causa a sua verdadeira dimensão literária — "[...] declaravam, no entanto, que na frase mencionada não existe a mínima intenção de ofensa para o Exército Português, mas apenas uma expressão de valor literário cujo espírito de crítica política o seu constituinte inteiramente mantém." Ao jornal *Epoca*, de 19 de março de 1921, ALV tinha dado uma entrevista, onde afirmou os seus intuítos nacionalistas da forma que se segue: "[...] Sobre o caso da apreensão da minha poesia *Ao soldado desconhecido* direi apenas algumas palavras porque elas me são pedidas, e mantenho o propósito de não permitir que, sob minha responsabilidade, se faça com este assunto qualquer reclamo. Detido durante umas horas e interrogado no Governo Civil, onde urbanamente me trataram, ahi respondo ás perguntas que me fôram feitas e constam do auto que assinei. § Neste incidente, em que já um jornal chegou a atribuir-me qualquer intenção menos patriótica, insinuação contra que nem vale a pena protestar porque o meu nome e a minha obra, insignificantes como são, são também o mais eloquente desmentido a quem pretender agredir-me por esse modo, — neste incidente, uma coisa verifico com infinito prazer moral, e é a limpidez e a calma da minha consciencia. Escrevendo esses versos, que me honro de ter escrito, prestei ao heroe a melhor e a mais bela homenagem que o meu espirito foi capaz de conceber. Esses versos estão muito acima de todas as preocupações partidarias ou sectarias, — as quaes me não interessam — porque elas são a glorificação do Povo que se sacrificou com tanto e tão belo heroismo, a saudação funebre e heroica do recém-vindo á sua terra. § E eu tenho a absoluta convicção de que nunca escrevi uma pagina mais patriótica do que esta poesia, e de que esta poesia, e de que a sua intenção pelo menos, é digna do heroe." [apud R I, f. 128 v.].

²⁸ Algumas reacções encontram-se entre a correspondência particular de ALV, onde se pode ler um telegrama de António Correia de Oliveira, cartas de Augusto Gil, Teixeira de Pascoaes, Agostinho de Campos, Antero de Figueiredo, Augusto Gonçalves e Jaime Magalhães Lima. Da carta de Pascoaes, datada de 2 de abril de 1921, destacam-se as palavras seguintes: "[...] Felicito-o, com o maior entusiasmo, pela sua bela poesia! Glorifica o martire e castiga os carrascos. É bem natural que eles se doeçam... A alma, quando fêre, é terrivel! § [...] Pobre menino! e pobres de nós todos os que amamos desinteressadamente a nossa Patria! Ele vae repousar na paz do tumulo e nós temos de arrastar ainda n'esta vida, com todos os crimes e infamias d'essa quadrilha de marroquinos que assaltou a velha Lusitania! Malfeitores da peor especie disfarçados em ministros, senadores, deputados, filosofos, poetas, etc., etc.! [...]" [BML, *Cartas [...]*, vol. VI].

²⁹ O recorte do artigo encontra-se no espólio da BML, e embora a data do periódico não seja legível, os artigos referidos podem ler-se, respetivamente, no *Diário de Lisboa* de 3.ª f., 26 de abril de 1921 e 5.ª f., 28 de abril de 1921 [BNP, J.4349]. Aí se pode ler: "[...] Sei que á roda da minha poesia apreendida se urdiu uma lenda que me apresenta como um feroz anti-intervencionista. É tão inexacto isso que poucos portugueses poderão documentar como eu o entusiasmo de que se possuiram quando Portugal entrou na guerra. [...] Porque, meu Deus! uma cousa é a intervenção, outra é o modo como ela se fez e o que se lhe seguiu. Para desenvolver convenientemente esta frase, seria necessario escrever um volume. Para mim, que falo e sinto pelo *instinto da nação*, seria isso impossivel [...]" e "[...] Se em Portugal é punivel com prisão clamar que isto [o abandono dos mutilados da guerra] é um crime — então que eu seja de novo preso e desta vez metido no mais imundo dos calabouços, de companhia com os desgraçados que aí habitualmente se encontram e com os quais espero entender-me melhor do que com tantos outros homens que representam oficialmente esta espantosa agonia da nação.[...]".

Na sequência deste episódio, o desalento de Lopes Vieira perante a vida política do país e a classe dirigente intensifica-se e não o abandonará mais até ao fim da vida. Como comentará Aquilino Ribeiro, a propósito deste mesmo episódio, que se declara incapaz de compreender na totalidade e nas repercussões que terá tido para o escritor:

Numa democracia, entra para a esfera do arbítrio tudo o que seja coibir ou coarctar a faculdade de assentir ou dissentir do que que seja, desde o mais fútil ao mais sagrado.
— Foram moiros que me levaram ao Governo Civil e me confiscaram o meu poema — declarava Afonso para os amigos e o mesmo disse na dedicatória do exemplar que me ofereceu. Moiro era o espírito alieno, demagógico, espúrio, anti-português ao actuar como causa eficiente deste despautério e de tantos mais da vida nacional. (Ribeiro, [1949]: 322).

Reagindo ao *ataque dos Mouros*, Lopes Vieira começa a refugiar-se na própria Pátria, num exílio que o deixará ainda mais isolado³⁰, e a sentir-se marginalizado por um certo quadro institucional, como consequência das posições assumidas³¹. Decididamente os *anos da graça* tinham passado, por isso prossegue a sua obra com uma vontade férrea de colocar os projetos pessoais muito acima de qualquer compromisso institucional, tendo o programa de ação Portugal como único patrono assumido, transformado em valor absoluto de uma causa cultural³².

Assim se entende que tenha participado com tanto gosto, em 25 de janeiro de 1925, na "Bênção do Mar", lançada dos Jerónimos, durante as comemorações do 4.º centenário da morte de Vasco da Gama. Tratava-se de um ato dignificante para a nação e para os portugueses e Lopes Vieira associa-se aos festejos e à missa, a que orgulhosa e simbolicamente também assistiu a Custódia de Belém, saída nesse dia da caixa forte das Necessidades³³. Terá pronunciado um pequeno discurso comemorativo, durante o qual terá lido estâncias alusivas de *Os Lusíadas*, publicado depois num periódico com o título "Na sachristia dos Jerónimos"³⁴, e onde se posiciona como a voz humilde através da qual se ouve todo o passado ilustre de uma nação:

³⁰ Em carta para Antero de Figueiredo, datada de 29 de março de 1921, comenta do seguinte modo o incidente: "[...] O seu cartão, recebido por mim em pleno ataque dos Mouros, tocou o meu coração. [...] § Em todo este incidente, cuja parte policial foi ainda menos lamentável talvez do q. a belicosa — a qual sofreu d'uma falta de elegancia de q. me não cabe responsabilidade — uma cousa triste, ah!, muito triste ressalta — e é q. a patria nos está exilando, ocupada como está pelo Berbere triunfante, o q. nos torna, a nós, Cristãos e Portugueses, estrangeiros nela, quasi!...[...]" [BMP, M-AF-4].

³¹ É o que acontece, por exemplo, com a sua defesa de um certo património português em risco de desaparecimento, como foi o caso do Arco de Almedina, o que lhe vale sempre uma sensação desconfortável de excomunhão. Em carta para Antero de Figueiredo, datada de 8 de maio de 1921, comenta: "[...] Tenho muito prazer em lhe responder, na ocasião mesmo em q. a bravia Mourama da Camara Municipal de Coimbra lança contra mim, a proposito dos meus artigos em defesa do Arco de Almedina, a mais grotesca, inconcebível, tremenda e imbecil das excomunhões! [...]" [BMP, M-AF-4].

³² Só o reerguer dessa Pátria moribunda continuará a tentar ALV, e isso mesmo diz a Antero de Figueiredo, em carta datada de 10 de fevereiro de 1922: "[...] No horror dêste ciclo em q. os invasores estão prestes a dar em terra com uma Pátria q. havemos de enternecidamente reerguer, é bom q. os espíritos do mesmo som se juntem. [...]" [BMP, M-AF-4].

³³ No espólio da BML, encontra-se uma fotografia [BML, A16, n.º 32460] que representa o portal sul dos Jerónimos, durante o ato religioso "Bênção do Mar no dia do 4º centenário da morte de Vasco da Gama" — 25 de Janeiro de 1925, onde se pode ver ALV entre os acompanhantes do Cardeal.

³⁴ Esta notícia encontra-se no espólio da BML [env. A9, n.º 32105], onde o texto aparece colado num cartão, embora se desconheça o periódico de onde foi recortado, e a data, que não se deve afastar muito do dia 25 de

Para ter a glória de recordar, aqui, as estancias de Camões, devo apagar a minha individualidade, a fim de que a voz com que as disser agora, seja, não a minha propria, mas a voz anonima de um Português. § Por mim não serei mais que o efemero instrumento em cujo timbre, num instante, cresce, sobe e vibra a beleza sagrada de tal evocação.

Pelas mesmas razões se tinha insurgido contra a pobreza do programa oficial de trasladação dos ossos de Nuno Álvares Pereira³⁵, e tinha imaginado um programa para as festas comemorativas do Condestável, que resgatava a inestética dolorosa do programa oficial, com a pompa devida: a colocação das bandeiras da Ordem de Cristo nos navios que transportariam o caixão, bem como os pendões dos Concelhos de Portugal a acompanhar a procissão que levaria os restos mortais até ao templo³⁶. A sua demanda continuava a desenvolver-se em nome de uma pátria e dos seus vultos heroicos, transformados em valor absoluto de uma nacionalidade, que mais não era do que "saudades dum Portugal sonhado sempre e nunca atingido!". É, no entanto, significativo realçar que, no seu próprio funeral, várias homenagens foram rendidas ao escritor, frente ao caixão coberto pela bandeira da Cruz de Cristo, durante décadas arvorada na casa-nau de S. Pedro de Moel.

janeiro de 1925. Aí se podem ler as palavras profundamente nacionalistas de ALV do excerto citado no nosso texto e cuja continuação é a seguinte: "[...] Integrado, pois, no coração vivo e obscuro da Grei, atrevo-me a dizer os versos dos "Lusiadas" no momento sublime em que eles encontram a comoção, a arquitectura e o a proposito conforme a majestade do seu ritmo. Na catedral dos navegadores, onde ainda ecoam as vozes rumorosas e patéticas de nossos Avós que andaram sobre as aguas do mar, e ao calor eterno das crenças que iluminaram seus heroísmos, as estancias dos "Lusiadas" vão reviver. [...] § Ante a altura religiosa e a beleza patriótica de estas coincidencias familiares e épicas da Grei, quando a portentosa joia da Custodia manuelina veio ao seu templo banhar-se nesta luz que os reflexos do Tejo envolvem e douram, — numa hora assim tão plena do sentido imortal da Patria, acreditemos que a benção de Christo abrange também a presença sobrenatural de todos os reis, de todos os cavaleiros, de todos os soldados, de todos os marinheiros, do mais nobre e celebrado ao mais humilde e obscuro, que contribuido hajam para criar esta grande obra do Espirito, que é Portugal!...". No vol. II da tese transcreve-se o autógrafo com esse Discurso.

³⁵ Em 15 de janeiro de 1918, a Sagrada Congregação dos Ritos aprova e reconhece o culto do "Santo Condestável", expressamente confirmado pelo Papa Bento XV, em decreto datado de 23 de janeiro desse mesmo ano. Julgamos que estes festejos estariam relacionados com esse culto e que implicaram, em 1918, a trasladação dos ossos de Nun'Álvares para os Jerónimos. ALV escreve um artigo intitulado "Nunalvares macabro", para um periódico da época, cujo recorte se encontra no espólio da BML, onde manifesta uma viva repugnância pelo pobre projeto delineado, que só desonra um vulto da dimensão de Nun'Álvares. Eis as suas palavras: "[...] Perante este documento [nota oficiosa da comissão da trasladação], escrito numa prosa na verdade adequada ao espirito do que se nele contém, e a que a comissão pôs o conveniente título de Convite, a fim de que nem isso faltasse ao estilo de cangalheiro, á estetica de agencia funebre em que a comissão pretende envolver a deslumbrante figura do nosso Arcanjo, o vulto resplandecente do cavaleiro do Graal, — perante este documento, nós fazemos esforços para não perder a calma que devemos impor aos nervos, e, horror! — tratando-se duma cousa que foca directamente no coração da Patria fazemos, tambem, esforços para não rir — e para não chorar, de furor, de tédio, e de saudades dum Portugal sonhado sempre e nunca atingido! § Oh! não! a trasladação não poderá realizar-se nestas condições absurdas, — e não se realizará! § O sr. Presidente da Republica não o deverá consentir, — e não o consentirá! [...] Se o sr. Sidonio Pais aspira ao glorioso contentamento do sentir bater enfim, numa palpação de unidade, o alanceado coração dos Portugueses, não poderá então tornar-se conivente numa acção que os desunirá e os ha de mover a que se apartem com tédio uns dos outros. [...] § Oh! não! O nosso santo Padroeiro, o Cavaleiro do Graal, honra e flor da gentileza heroica, não irá pelo Aterro fóra, seguido por uma fila de trens de praça! [...] § Se não quiserem, por espirito de teimosia vaidosa (e irritada de se sentir colhida em flagrante) levar as santas reliquias pelo Tejo, a bordo duma gondola dourada, e recebe-las em Belem com uma prece guerreira entoada pelo clangor de duzentas trombetas, — conforme nos propuzemos neste logar, — deixem-nas então ficar na sombra e na paz da cripta onde jaziam honradas — e não se cometam sacrilegios."

³⁶ No espólio da BML pode ler-se um ms. de 1 f. cortada ao meio [BML, B122, n.º 33666] com aquilo que parece ser um programa das festas comemorativas do Condestável, que desenvolve o plano delineado no artigo referido na nota anterior, e que acrescenta um elemento simbólico para ALV. Ver II vol. de Nobre, 2005: 453, com transcrição do texto, intitulado *Condestabre*.

Daí que o programa de Lopes Vieira só se confrontasse com as questões políticas quando as percecionava acima de tudo como questões culturais nacionais, e nunca por vontade de se imiscuir no palco governamental, o que lhe provocará sempre dissabores ou interpretações ambíguas. Assim se compreende que a postura estética e ética do poeta o mantenha afastado dos cargos políticos³⁷ — o que faz dele o poeta da nação, o cantor da portugalidade, mas nunca o do governo, como ele fará questão de provar pelos anos fora.

É nesse programa bastante asséptico, apesar de se poder julgar apenas quixotesco, o mais acariciado e amado por Lopes Vieira, que vêm incluir-se as suas restituições das grandes obras da Literatura, consideradas estruturais e fundadoras de um certo modo de ser e de pensar em português: o *Romance de Amadis* [RA], de 1922³⁸; *A Diana de Jorge de Montemor* [DJM], de 1924³⁹; *O Poema do Cid* [PC], publicado em volume em 1929⁴⁰; a edição com José Maria Rodrigues de *Os Lusíadas de Luís de Camões* [LLC], em 1928 e a edição crítica da *Lírica de Camões* [LC], em 1932. Dentro deste mesmo espírito se podem incluir outras obras, algumas ainda restituições, outras adaptações históricas, que visam confrontar o público com uma imagem duradoura dos valores nacionais. É o caso de *O Livro de Amor de João de Deus* [LAJD], selecionado em 1921⁴¹; *Santo António — Jornada do Centenário* [SAJC], de 1932⁴²; a edição bilingue de *Cartas de Sórora Mariana. Lettres Portugaises* [CSM], em parceria com Charles Oulmont, em 1941⁴³; *A Paixão de Pedro, o Crú* [PPC] e *Poesias de Francisco Rodrigues Lobo* [PFRL], com seleção, prefácio e notas de Lopes Vieira, em 1940; *A Corte na Aldeia e*

³⁷ Na BML, vol. IX das *Cartas [...]*, pode ler-se um ofício da "Cruzada Nacional de Nun'Álvares", onde se faz um convite a ALV para estar presente em 14 de agosto de 1928 em Ourém, para o louvor público ao Condestável do Reino, e onde se lhe pede que componha a letra para o Hino ao Condestável.

³⁸ O grande apreço que ALV sempre teve por esta obra fica bem patente numa carta para Carolina Michaelis de Vasconcelos, datada de 15 de fevereiro de 1922, onde o poeta faz referência a outros projetos por terminar, dando a primazia ao RA: "[...] Mas — Amadis superomnia!" [BGUC, esp. CMV / II vol.: 20]. E num postal dirigido a Carlos de Passos, datado de 21 de novembro de 1922, dirá: "[...] sirva-me de desculpa a mística absorção em q. tenho vivido [...] dedicando-me ao *Romance de Amadis*, q. tenho no prelo após uma batalha de três anos. Qd.º lho enviar s. D. q. pelo Ano Bom, espero então ser perdoado, em atenção ao grande e formoso Paladino, q. vai renascer na sua terra e na sua língua!" [BMP, M-CP-604 (2)].

³⁹ Assim que conclui RA, imediatamente ALV começa a pensar no projeto de DJM, embora os postais enviados a Carolina Michaelis de Vasconcelos nos mostrem a oscilação a que a obra esteve sujeita: "[...] Do *Amadis* nada de novo por agora. Estou tentado a fazer uma redução, em linguagem, da *Diana*. — Q. parece a V. E. este projecto? Será descair do interêsse do *Amadis*? [...]" [BGUC, esp. CMV, postal datado de Sábado de Aleluia, 1923 / II vol.: 29-30]; "[...] — Desisti do projecto de *Diana*, pelo menos considero-o quimerico. O *Amadis* é unico. [...]" [BGUC, esp. CMV, postal com carimbo de 9 de abril de 1923 / II vol.: 30].

⁴⁰ Mas cujo projeto data de 1923, quando ALV, em postal para Carolina Michaelis de Vasconcelos, datado de 24 de agosto de 1923, participa o nascimento de PC: "Querida Senhora e Mestra § Para fugir às tristezas envolventes desta Tragedia da paz (Ferrero) e às q. nunca faltam aos sensitivos da minha espécie, — comecei a trabalhar na redução em prosa do Mio Cid. Eis-me embarcado pois noutra grande aventura, e ao participá-lo a V. E. primeiro q. a ninguém, cumpro uma especie de superstição junto da minha eminente e afectuosa Madrinha! [...]" [BGUC, esp. CMV / II vol.: 32]. Os vários capítulos de PC serão publicados na revista *Lusitânia*, de janeiro de 1924, fasc. I, a outubro de 1927, fasc. X.

⁴¹ Ao referir-se a este volume, em carta a Antero de Figueiredo, datada de 8 de março de 1922, dirá: "[...] ler João de Deus — cuja alma vou servir e cujo genio libertei de um volume abominavel [...]" [BMP, M-AF-4].

⁴² Este livro encontrava-se já em projeto desde 1923, uma vez que num postal para Carolina Michaelis de Vasconcelos, de 31 de janeiro de 1923, ALV comenta: "[...] Para me isolar misticamente no trabalho, agora q. me falta o Amadis, vou começar a trabalhar (a preparar-me) numa Vida de Santo Antonio — o Amadis ao divino. [...]" [BGUC, esp. CMV / II vol.: 28].

⁴³ Em DG, de 1922, aparece um artigo sobre "Sorora Mariana" [DG: 253-9], através do qual ficamos a saber que a realização de uma versão das Cartas da freira já tinha sido um projeto antigo de ALV, abandonado na altura, e retomado só no final da sua vida.

Noites de Inverno de Francisco Rodrigues Lobo [CAFRL], também prefaciadas e com notas de Lopes Vieira, em 1945.

Sobre a casa-nau, de S. Pedro de Moel, atual Casa-museu, referir-nos-emos apenas a alguns elementos decorativos que têm a simbologia da Cruz de Cristo ou dos Descobrimentos como núcleo essencial. Tal acontece sobretudo na varanda da casa, talvez o local mais estimado pelo Poeta (a ponto de metaforicamente o tratar por *ninho de artistas*), arquiteto de interiores que procurou fundir com os símbolos do mar ali tão perto.

A sua sensibilidade levava-o a rodear-se e a servir-se de todos os materiais que fossem portugueses, numa simbiose entre a sua *poiesis* e o seu entusiasmo com a decoração do lar. Assim, há todo um culto do artesanato português a par do aproveitamento dos materiais da natureza envolvente, na decoração do interior da Casa, desde os ferros de Coimbra e as cerâmicas das Caldas da Rainha, até às chitas de Alcobaça e às flores, conchas e búzios da praia, destroços trazidos pelo mar, objetos transformados pela natureza em arte, numa metamorfose sem fim. Os materiais são escolhidos em conexão com o lema *reaportuguesar Portugal, tornando-o europeu* (DG 1922), por isso não é de estranhar que o azulejo tenha sido sobejamente utilizado como cerâmica de revestimento decorativo da Casa, tanto no interior como no exterior. O azulejo é um dos elementos que se destaca na decoração da Casa de S. Pedro de Moel, num processo lento de incorporação, nunca abandonado, antes constantemente acrescentado pelo escritor ao longo da sua vida, na materialidade da alvenaria da *casa que está rezando ao mar*. O azulejo aparece destacado, como marca visível e privilegiada dos vários *arranjos* a que a casa foi submetida, contribuindo para esclarecer e ajudar a caracterizar os vários estratos de embelezamento do edifício, bem como a correspondência com as fases da criação literária, umas vezes como forma de eternizar uma efeméride ou o nascimento de uma nova obra literária, outras até de antecipar uma obra apenas em embrião ou de registar uma devoção religiosa ou mística. As próprias paredes da Casa aparecem como páginas em que o escritor inscreveu objetos da sua eleição, criando assim uma coleção de cerâmica de decoração única. A Casa não é, pois, apenas um edifício: ela é também o objeto mais rico da obra do poeta e constitui, em si mesma, uma coleção arquitetónica a estudar, um lugar literário ainda por interpretar (*vide* Nobre, 2010).

Em 1916 encontra-se documentado o acrescento do painel de azulejos da ‘Nau Catrineta’, no exterior, na fachada poente, por baixo da varanda, e as sobrepostas com as esferas armilares nas duas portas interiores da varanda, ao *estilo sebastianista* (Nobre 1999: 300-301). Aquilino Ribeiro estabeleceu a ligação com os emblemas marítimos da esfera armilar e da Cruz de Cristo, do Convento de Tomar (Ribeiro, [1949]: 292) e é bem provável que o Palácio de Sintra, onde existem os únicos exemplares azulejares da esfera armilar (Pereira, 1991: 20), tenha servido de modelo ao escritor. Estas remodelações ligam-se intimamente à sua obra poética, sobretudo a *Ilhas de Bruma* (1917) e à temática marítima aí glosada, em que o motivo da *Nau Catrineta* aparece já, mas que irá continuar a ser glosado nas obras posteriores como *País lilás, desterro azul* (1922) e *Onde a terra se acaba e o mar começa* (1940). A partir de 1922, com o livro de ensaios *Em demanda do Graal*, a Cruz de Cristo aparecerá como capa dos seus livros, numa harmonia evidente entre as suas escolhas gráficas e as opções de decoração arquitetónica. É aceitável que este estrato se estenda até 1918-1922, com a colocação dos vários azulejos com o *ex-libris* de Lopes Vieira, como selos colados

estrategicamente nos limites exteriores da Casa (do muro Norte ao portão de entrada Sul, passando pelos dois portões de entrada do alçado nascente e centralizando-se na principal fachada poente), embora não se conheça a data efetiva da sua fabricação.

Com o estrato de 1929 ergue-se de raiz um novo edifício adjacente à Casa: a Capela dedicada a N.ª Sr.ª de Fátima. Este estrato é tão mais interessante quanto representa uma simbiose de motivos marítimos com motivos religiosos, mas todos interpretados como emblemas de uma ideia de nacionalidade em construção. Se os três pastorinhos e a N.ª Sr.ª de Fátima correspondem a uma etapa de afirmação de religiosidade, depois aproveitado pela ideologia do Estado Novo, essa simbologia religiosa foi aqui usada ao mesmo nível que as conchas ou a sobreposta da porta de entrada com a Cruz de Cristo. Motivos de um *ethos* português naquilo que tinha de mais genuíno.

Inaugurar uma capelinha dedicada a N.ª Sr.ª de Fátima, em agosto de 1929, quando o culto ainda não tinha sido oficialmente reconhecido pelas instâncias religiosas, com uma das únicas Capelas de Portugal que tem o altar virado – não a nascente – mas a poente, ao pôr-do-sol, e ter pedido a uma sua serviçal, dotada para as artes escultórias, que lhe fizesse em massa de pão o molde para uma figura iconográfica da Sr.ª de Fátima; encher as cantarias de conchas e a parede oeste das palavras “AVE, MARIA!”, grafadas em conchas e legíveis do horizonte marítimo – são decisões ainda não completamente explicadas. Provavelmente para esse dia inaugural terá o poeta escrito *Para o Ave de Fátima*, cujo manuscrito original, com emendas, pertenceu à Sr.ª D.ª Helena Barradas e se encontra presentemente guardado em Fátima. A composição poética, datada de Agosto de 1929 e assinada - *um servita* - parte de uma situação descritiva da aparição original da Virgem Maria, a Mãe de Jesus, aos pastorinhos, para evoluir para uma devoção religiosa e patriótica *Àquela que salvou Portugal*. Como já escrevi para a revista *Fátima XXI*:

[...] Seguramente é a decisão autoral de ter grafado com o artigo indefinido e o vocábulo *servita*, que deve ser respeitada e seguida. O poeta produziu, intuiu as palavras para dizer o milagre da Sr.ª de Fátima espelhado nos meninos, mas decidiu que serviu apenas de intermediário em que o silêncio de Deus se fez ouvir. Já não se trata de Afonso Lopes Vieira, o homem público, o literato de nome e renome, que passou a segurar o andor na procissão de maio em Fátima e a servir os peregrinos que dele precisavam, mas um anónimo veículo da fé, que manuscreeu o que hoje e amanhã se cantará no lugar de Fátima. Obviamente que a utilização do lápis vermelho, a alternância da cor preta com a vermelha, os vários desenhos da Cruz de Cristo com os extremos arredondados (quase ondulados), a caligrafia redonda e sensível, os muitos acrescentos e indecisões até encontrar a forma quase perfeita, a utilização da capitular de abertura a vermelho – todos estes pequenos/enormes pormenores, são evidências da indubitável autoria do poeta Afonso Lopes Vieira. Mas, sobretudo, da indubitável certeza de que desejou manter-se silenciado – com *Para o Ave de Fátima* – como *um servita* de Fátima. (Nobre, 2014: 15)

Muito mais haveria a explorar nesta Casa-museu, sobretudo na divisão que guarda alguma da sua correspondência trocada com figuras ilustres e personalidades coetâneas⁴⁴. A avaliar pelos XIV volumes de *Correspondência e outros escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira* recebidos e arquivados pelo escritor (hoje no espólio da Biblioteca Municipal de Leiria: BML),

⁴⁴ Todos os exemplares em exposição foram uma oferta do benemérito Sr. Carlos Vieira, daí que a salinha tenha recebido o seu nome.

muitas das missivas do escritor estão espalhadas pelos Reservados das principais bibliotecas portuguesas (e até em Inglaterra, Londres, como tive oportunidade de ler) ou nas mãos de particulares. Uma biografia de Afonso Lopes Vieira alcançaria um outro prisma se pudesse ser feita a partir delas, como fontes de uma intimidade perdida. Em muitos exemplares, cruzamos com os seus grafismos da Cruz de Cristo, sobrepostos às suas palavras, estabelecendo-se assim uma teia de *cavalaria da Ordem de Cristo* que podemos imaginar, sem conseguir científica e racionalmente comprovar.

Por isso gostaria de terminar com um postal⁴⁵, não datado, e sem destinatário, autógrafo de Afonso Lopes Vieira, com uma epígrafe do P.e António Vieira por ele selecionada para a posteridade:

Se servistes a Pátria, que vos foi ingrata, vós fizestes o que devíeis, ela o que costuma.

O postal é um dos modelos típicos de Afonso Lopes Vieira, com o carimbo da Casa-nau no canto superior esquerdo. No entanto, chama-se a atenção para a raridade de um pormenor: aparece arvorada uma bandeira da Cruz de Cristo, o que é raríssimo acontecer. Nenhum dos carimbos que fazem parte do espólio da BML possui este pormenor específico. Há ainda mais três desenhos da Cruz de Cristo, a lápis vermelho, bem como uma cercadura ondulada na esquadria de todo o postal – elementos habituais na sua epistolografia.

Talvez Afonso Lopes Vieira se sentisse irmanado a P.e António Vieira e nos deixasse este postal como um sinal da sua pertença espiritual a uma Ordem de elevação superior à dos homens comuns. Se fosse esta a consagração a atribuir-lhe, estou convicta de que a aceitaria.

⁴⁵ Agradecemos a oferta deste exemplar ao Sr. engenheiro Ricardo Charters de Azevedo, que acrescentou valiosamente o meu pequeno espólio do escritor.

BIBLIOGRAFIA ATIVA:

Vieira, Afonso Lopes

- (1897) [PQ?] *PARA QUÊ?*, Livro Escripito por Affonso Lopes-Vieira, ed. F. França Amado, Coimbra.
- (1898) [NVL] *NÁUFRAGO. VERSOS LUSITANOS de Affonso Lopes-Vieira*, ed. Parc. A. M. Pereira, Lx.
- (1899) [AS] *AUTO DA "SEBENTA". Faça em verso em um prologo e dois quadros*, ed. da Comissão Académica do Centenário da "Sebenta", França Amado, Coimbra.
- (1899) *CANTIGAS PARA O FADO E PARA AS "FOGUEIRAS" DE SAN JOÃO*, por Estudantes de Coimbra (Augusto Gil, Teixeira de Pascoaes, A. Macieira, Alberto Pinheiro, Humberto Bettencourt, Pereira Barata, Guedes Teixeira, Affonso Lopes-Vieira), publ. por iniciativa de Augusto Gil e de Af. Lopes-Vieira, ed. Livr. França Amado, Coimbra, folh. de 8 pp.
- (1899) *Orpheon da "Sebenta"*, sob a dir. de Luiz Albuquerque (Na comemoração do 'Centenário da Sebenta'), ed. da "Com. Ac. do Centenario", Lit. 'Minerva Central', Coimbra, folh. de 7 pp.
- (1899) *VERSOS DE GARRETT (Folheto em que se contem algumas das suas mais lindas poesias. Edição feita para celebrar o primeiro centenario do nascimento do poeta. Com uma breve historia da sua vida)*, imp. e ed. pelo Livr. F. França Amado, Coimbra, Fevereiro, folh. de 8 pp.
- (1900) [MA] *O MEU ADEUS*, Typographia da Companhia Nacional Editora, Lx.
- (1900) *Orpheon Academico de Coimbra. Canções pelos bachareis: Ant. Pinto d'Albuquerque, Affonso Lopes-Vieira, Mario Esteves d'Oliveira*, tip. Luiz Cardoso, Coimbra, Abril, folh. de 12 pp.
- [1901], [PDP] *PROPHECIA POR DOIS POETAS* [poemas de Afonso Lopes Vieira e Teixeira de Pascoaes, publicados anónimos], Coimbra, sd., folh. de 9 pp.
- (1901) [PS] *O Poeta Saudade*, F. França Amado ed., Coimbra.
- (1904) [PE] *POESIAS ESCOLHIDAS — 1898-1902*, ed. Viuva Tavares Cardoso, Lx.
- (1905) [CN] *Conto do Natal*, ed. Viuva Tavares Cardoso, Lx.
- (1905) [OE] *O ENCOBERTO*, ed. Viuva Tavares Cardoso, Lx.
- (1906) [AL] *AR LIVRE*, ed. Viuva Tavares Cardoso, Lx.
- (1908) [PR] *O Pão e as Rosas*, ed. Liv. Ferreira, Lx.
- (1910) [MV] *GIL VICENTE. MONÓLOGO DO VAQUEIRO*, vertido do Castelhana, representado no teatro D. Maria II, Typ. "A Editora", Lx.
- (1910) *VERSOS DE CAMÕES* (com uma pequena biografia do Grande Poeta, por Affonso Lopes Vieira) imp. e ed. por F. França Amado, Coimbra, folh. de 8 pp.
- (1910) [PPP] *O POVO E OS POETAS PORTUGUESES*. Conferência lida pelo autor no teatro D. Maria II em 12 de Janeiro de 1910, Typ. "A Editora", Lx.
- (1911) [JD] *A JOÃO DE DEUS*, Na inauguração do Jardim-Escola, ed. França Amado, Lx.
- (1911) [CVS] *CANÇÕES DO VENTO E DO SOL*, typ. "A Editora", Lx. (1.ª ed)
- (1911) [ABI] *GIL VICENTE. AUTO DA BARCA DO INFERNO*, Adaptação representada com um Prologo — 1517-1911, Typ. "A Editora", Lx.
- [1911], [RB] *ROSAS BRAVAS, Acto em verso*, representado pela primeira vez no Teatro da República em 5 de Abril de 1911, "A Editora", ed. do autor, Lx., sd.
- (1912) [GV] *GIL VICENTE*, Conferência realizada no "Serão Vicentino" do Teatro da República em 15 de Janeiro, Liv. Ferreira, Lx.
- [1912] [MF] *MOFINA MENDES*, Palavras ditas na representação dêste auto de Gil Vicente, em casa do Sr. José Lino Junior, na Cova da Moira, em Lisboa, no mês de Maio de 1912, ed. fora do mercado.
- [1912] [PH] *POESIAS DE HEINE*. Interpretadas por Affonso Lopes Vieira, comp. e imp. na typ. "A editora Limitada", Lx., sd.
- [1913] [ICPL] *Inês de Castro na Poesia e na Lenda*. Conferencia realizada no Mosteiro de Alcobaça (em a noite de 17 de Agosto de 1913), seguida do soneto dos tumulos, por Affonso Lopes Vieira, ed. do autor, sd.
- [1914] [PPSV], *A poesia dos paineis de S. Vicente*. Conferencia realizada no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa aos 26 de Dezembro de 1914, ed. dos "Amigos" do Museu, "Editora Ld.ª", Lx., sd. (1.ª ed.)
- (1914) [CV] *A CAMPANHA VICENTINA*, ed. Limitada, Lx., Páscoa.

- (1915) [PSSIS] *POESIAS SOBRE AS SCENAS INFANTIS DE SCHUMANN*, Desenhos de Raul Lino, A Editora Limitada, Lx., Primavera.
- (1916) [AGV] *Autos de Gil Vicente*. Seguidos de alguns excertos. Compilação e prefácio de Affonso Lopes Vieira, "Biblioteca Lusitana", ed. da "Renascença Portuguesa", Porto, 4 de Abril.
- (1916) *O Canto Coral e o Orfeon de Condeixa*. Conferência realizada no Concerto do Orfeon, no Teatro da República em Lisboa, Lx..
- (1916) "Apresentação" de *Discursos Pronunciados no banquete Oferecido pelos "Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa" ao Académico Espanhol Dr. D. Aureliano de Beruete y Moret*, ed. dos "Amigos do Museu", Lisboa, [p. 3].
- (1917) [IB] *ILHAS DE BRUMA*, of. de Francisco França Amado, Coimbra, 14 de Abril.
- [1918], [CSA] *CANÇÕES DE SAUDADE E AMOR (LIEDER)*, Poesias de Affonso Lopes Vieira, Música de Ruy Coelho, Valentim de Carvalho ed., imp. n.º A Editora L.ª, Lx., sd. (1.ª ed.)
- (1918) [CC] *CANCIONEIRO DE COIMBRA, em que se contêm poesias portuguesas, & nos saudosos campos inspiradas, desde o seculo XV até aos nossos tempos, com uma sylva de romances & cantigas tradicionais*, escolhidas por Affonso Lopes Vieira, ed. França Amado, Coimbra (1.ª ed.)
- [1920] [C] *CRISFAL, Ecloga musical em 1 acto e tres quadros*, poema de Afonso Lopes Vieira, música de Ruy Coelho, Lx., sd. [há dois exemplares com o mesmo conteúdo, mas com dimensões diferentes: 20 + 28,5cm e 12,5 + 19,5cm.]
- (1921) [LAJD] *O LIVRO DE AMOR DE JOÃO DE DEUS. Poesias Escolhidas*. Tip. Libanio da Silva, Lx., Abril (1.ª ed.)
- (1921) "OS MUTILADOS DA GUERRA AO ABANDONO?" in *Diário de Lisboa*, 26 de Abril.
- (1921) "PORTUGAL NA GUERRA" in *Diário de Lisboa*, 28 de Abril.
- (1922) [RA] *O Romance de Amadis, composto sobre o Amadis de Gaula de Lobeira*, Soc. ed. Portugal-Brasil, Ld.ª, Lx., Natal (1.ª ed.) — 1924, *Le Roman d'Amadis de Gaule. Reconstitution du roman portugais du XIII e. siècle par Affonso Lopes-Vieira*. Traduite en français par Philéas Lebesgue avec des bois de René Blot d'après d'anciennes gravures. Chez Claude Aveline ed., Paris (trad. fr.) — 1925, *Amadis. Roman*, S. Pisateljjevim Dovoljeujem iz Portugalscine Prevedel Dr. A. Debeljak, Ljubljana (trad. esl.)
- (1922) [DG] *EM DEMANDA DO GRAAL*, Soc. ed. Portugal-Brasil, Lx.
- (1923) *Da Reintegração dos Primitivos Portugueses*. Conferência realizada no Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.
- (1924) [DJM] *A DIANA DE JORGE DE MONTEMOR, em português de Affonso Lopes Vieira*, Soc. ed. Portugal-Brasil, Lx., Natal (1.ª ed.) — 1966, *A DIANA de Jorge de Montemor em português de Afonso Lopes Vieira*, Parceria A. M. Pereira, Ld.ª, Lx., 2.ª ed. (cor.) (2.ª ed.).
- (1924-27) [PC] *O Poema do Cid*. Versão e interpretação, em prosa, da gesta castelhana do século XII "Cantar de Mio Cid" in *Lusitânia*. Rev. de Estudos Portugueses, **Caps. I a V**, vol. I, fasc. I, Jan. de 1924, pp. 29-37; **Caps. VI a X**, vol. I, fasc. II, Março de 1924, pp. 241-50; **Caps XI a Cap. III da 2.ª Parte**, vol. I, fasc. III, Junho de 1924, pp. 373-82; **Caps. IV a VII**, vol. II, fasc. I, Set. de 1924, pp. 79-87; **Caps. VIII a VIIXVII**, vol. III, fasc. VII, Outubro de 1925, pp. 75-88; **Caps. XVIII a VI da 3.ª Parte**, vol. III, fasc. VIII, Natal de 1925, pp. 243-254; **Caps. VII a XI**, vol. III, fasc. IX, Abril de 1926, pp. 417-424; **Caps. XII a XX**, vol. IV, fasc. X, Outubro de 1927, pp. 105-122. — 1929, *O poema do CID, versão em prosa da gesta castelhana do séc. XII "cantar de mio Cid"*, Soc. ed. Portugal-Brasil, Lx., Maio (1.ª ed.)
- (1927) [VALV] *OS VERSOS DE AFONSO LOPES VIEIRA [1898-1924]*, Sociedade ed. Portugal-Brasil, Lx., Janeiro.
- (1928) [LLC] *OS LUSÍADAS de Luís de Camões*, "por iniciativa de Afonso Lopes Vieira e por amor de Portugal e do Poema", pref. de D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, rev. por Dr. José Maria Rodrigues, Edição Nacional, Imprensa Nacional de Lisboa, 12 de Maio (1.ª ed.)
- (1929) "POR AMOR AO MOSTEIRO" — Conferência por Afonso Lopes Vieira (no serão dedicado aos operários de Alcobça) em 25 de Julho de 1929, in *Notícias de Alcobça*, Alcobça, 28 de Julho de 1929.
- (1929) "DONA INÊS DE CASTRO" — Conferência do sr. dr. Afonso Lopes Vieira, pronunciada em Sevilha, in *A Voz*, ano III, n.º 967, Lx., 17 de Outubro, pp. 1-2.
- (1932) [SAJC] *Santo António. Jornada do Centenário*, Soc. ed. Port.-Brasil, Lx., Páscoa.
- (1932) "OS ESTUDOS NACIONAIS E A EXPOSIÇÃO DE ARTE PORTUGUESA EM PARIS" — palavras ditas na sessão inaugural da Semana das Colónias, na Soc. de Geografia, aos 14 de Fevereiro do

- cor. ano, in *Integralismo Lusitano. Estudos Portugueses*, Vol. I, Fasc. I, tip. Inglesa, Lx., Abril, pp. 7-19.
- (1932) *Homenagem ao Dr. José de Figueiredo* [Discursos proferidos na Sociedade Nacional de Belas-Artes], ed. dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga, Lx.
- (1932) [LC] *LÍRICA DE CAMÕES*, edição crítica pelo Dr. José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, "Biblioteca de Escritores Portugueses. Série C", Imprensa da Un. de Coimbra.
- (1933) *CIRCULAR* in *O Livro do Monumento Fúnebre a Memória Sagrada de S. M. F. El-Rei o Snr. D. Carlos I e de seu Augusto Filho S. A. R. o Príncipe Real Snr. D. Luiz Filipe, Mortos ao Serviço da Patria*, Of. Gráficas U. P., Lx., p. de abertura.
- (1933) [F&I] *A FÉ E O IMPÉRIO*. Conferência feita em Luanda aos 28 de Jun. de 1932, tip. Inglesa, Lx.
- (1940) [PFRL] *POESIAS DE FRANCISCO RODRIGUES LOBO*, selecção, prefácio e notas de Afonso Lopes Vieira, Liv. Sá da Costa ed., Lx.
- (1939-40) [PPC] *A Paixão de Pedro o Cru*, Liv. Sá da Costa, Lx. (1.ª ed.)
- (1940) [CC] *O CARÁCTER DE CAMÕES*, Conferência realizada aos 9 de Janeiro de 1940 na Sociedade de Geografia de Lisboa, a convite do "Sindicato Nacional da Crítica", sob a presidência de António Ferro, Liv. Bertrand, Lx.
- (1940) *PALAVRAS PRELIMINARES* in *Exposição Bibliográfica do Distrito de Leiria*, nos Centenários da Fundação e Restauração de Portugal. Catálogo e Subsídios Bibliográficos, Leiria, p. de abertura.
- (1940) "A Exposição do Mundo Português apreciada por Afonso Lopes Vieira (Carta ao Dr. Augusto de Castro, datada de S. Pedro de Moel, 7 de Julho de 1940)" in *Diário de Notícias*, 10 de Julho, p. 1.
- (1940) [OTAMC] *Onde a terra se acaba e o mar começa*, Liv. Bertrand, Lx. (1.ª ed.)
- (1941) [CSM] *CARTAS DE SOROR MARIANA, LETTRES PORTUGAISES*, tentativa de restituição do texto por Afonso Lopes Vieira e Charles Oulmont, Liv. Bertrand, Lx.
- (1942) [NDG] *NOVA DEMANDA DO GRAAL*, Liv. Bertrand, Lx.
- (1944) "O MONUMENTO DE FRANCISCO RODRIGUES LÔBO" e "LÁPIDA CAMONEANA" in Livro do I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria. 23 a 26 de Setembro de 1943, Obra subsidiada pelo Instituto para a Alta Cultura, Lx., pp. 38-40.
- (1944) "A Capela de S. Jorge [comemorações condestabrianas]" in *Flama. Revista da juventude para a juventude*, ano I, Lx., 20 de Junho, p. 4.
- (1945) [CAFRL] *CORTE NA ALDEIA E NOITES DE INVERNO DE FRANCISCO RODRIGUES LOBO*, prefácio e notas de Afonso Lopes Vieira, Liv. Sá da Costa ed., Lx. (1.ª ed.)

CORRESPONDÊNCIA VÁRIA:

- FIGUEIREDO, Antero de* [Biblioteca Municipal do Porto (BMP), fundo M-AF 1, 2, 3, 4, 4329, 4330, 4336, 4516]
- NEMÉSIO, Vitorino* [Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), E11-cx. 37]
- PASSOS, Carlos de* [BMP, fundo M-CP-604/1-27]
- PROENÇA, Raul* [BNP, E7/1969-98]
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de* [Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), esp. CMV]
- Várias personalidades: *Cartas e outros escriptos dirigidos a Afonso Lopes Vieira* [Biblioteca Municipal de Leiria (BML), 14 vols.]

BIBLIOGRAFIA PASSIVA:

- Campos, Agostinho de (1925) (org. e pref.) *Afonso Lopes Vieira (Verso e Prosa)*, "Antologia Portuguesa", Lvr. Aillaud & Bertrand, Lx.
- Fernandes, Maria Cristina Ribeiro de Sousa (2007) "A Ordem do Templo em Portugal: algumas considerações em torno das fontes para o seu estudo" in *HISTÓRIA*. III série, vol. 8, Revista da Faculdade de Letras, Porto, pp. 409-420. (vd. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3365.pdf>)
- Gomes, Saul António (2011) "A Extinção da Ordem do Templo em Portugal" in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, n.º 11, Coimbra, ISSN: 1645-2259, pp. 75-116. (vd. https://digitalis.uc.pt/files/previews/112811_preview.pdf)

- Nobre, Cristina (1999) "O espírito literário da Casa de S. Pedro" in *Actas do III Colóquio sobre a história de Leiria e da sua região*, II vol., Câmara Municipal de Leiria, Leiria, pp. 289-307.
- ____ (2005) *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II, col. temas portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2005.
- ____ (2010) "A Casa como Lugar Literário" in *Onde a terra se acaba e o mar começa*. Roteiro Museológico da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira. Lugar Literário, CM-M^aGrande, mais centro-PORC, QREN, EU, ISBN: 978-972-98049-5-3, pp. [3-12].
- ____ (2014) "O silêncio de Afonso Lopes Vieira. O Ave de Fátima, composição literária de Afonso Lopes Vieira" Fragmentos de História in *Fátima XXI. Revista Cultural do Santuário de Fátima*, vol. 0, 13 de maio 2014, pp. 10-15.
- ____ (2015) "O Soldado Desconhecido: o público e o privado em Afonso Lopes Vieira" in *Cadernos de Estudos Leirienses*, n.º 4, ISSN 2183-4350, maio, pp. 283-292
- Pereira, J. C. Branco (1991) "L'azulejo au Portugal. Renouveau et permanence" in *Azulejos*, Bélgica, Europalia 91: pp. 19-29.
- Ribeiro, Aquilino [1949] "Afonso Lopes Vieira e a Evolução do seu Pensamento" in *Camões, Camilo, Eça e alguns mais. Ensaios de crítica histórico-literária*, Livr. Bertrand, Lx., 3.ª ed., sd., pp. 271-335.
- Silva, Ademir Luiz da (2011) "O novo Templo português: a formação da Ordem de Cristo – séc. XIV" in *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo*, julho 2011, pp. 1-14 (vd. http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1296048745_ARQUIVO_OnovoT_emploportugues-SP.pdf)
- Vasconcelos, Maria José Teixeira de (1993) *Na Sombra de Pascoaes. Fotobiografia*, Vega ed., Lisboa.